

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA

347 *Nos cartazes, o carinho de S. João*

AGÊNCIA ESTADO

"Adeus, Tancredo Neves, você deixou em nossos corações o sentido mais profundo das palavras." São dezenas de cartazes, alguns mandados colocar em frente à Igreja São Francisco de Assis, pelo governador de Minas, Hélio Garcia, mas muitos — os mais humildes e expressivos — pintados pelas mãos incertas de anônimos: "São João perdeu um filho, mas o Brasil ganhou um herói." Aglomerado diante da igreja, empunhando faixas ou cantando, o povo é uma multidão sem rosto, à espera do ansiado momento em que todos poderiam ver o presidente morto.

No pátio da igreja, políticos, autoridades e convidados discorrem pelos cantos a respeito de coisas tão terrenas quanto o futuro político da Nação, a simbologia da morte de Tancredo, a necessidade de dar apoio ao sucessor José Sarney.

"A morte de Tancredo Neves cria uma lacuna irreparável para os trabalhadores, mas eles têm gravadas em suas mentes todas as promessas e estão dispostos a cobrá-las, sem abrir espaço para os oportunistas" — avisa o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior da América Latina, o Joaquinão. A greve dos metalúrgicos de São Paulo, anunciada para terça-feira, foi adiada para data ainda indefinida.

As 10h50, quando o corpo ainda não havia chegado, o governador do Rio, Leonel Brizola, discute com José Aparecido de Oliveira, ministro da Cultura, a "simbologia" da morte de Tancredo, ao mesmo tempo em que exaltavam entusiasmadamente as virtudes do morto ilustre, "do grande herói, do pacificador da Nação brasileira".

Tradição quebrada

Os sinos da Igreja de São Francisco de Assis tocam o dobré correto para a importância do morto — dois agudos, dois médios e dois graves, com os sinos dando uma volta completa em torno de si mesmos —, mas quando o caixão chega os irmãos da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis têm de romper pela primeira vez a secular tradição e recebem Tancredo Neves das mãos de seis cadetes militares, como se ele tivesse sido apenas um irmão mesário, e não ministro.

"Foi uma imposição do Cerimo-

nia da Presidência da República, que entrou em conflito com o nosso ritual, mas assim tinha de ser feito e assim foi feito, conforme os designios do Senhor" explica depois, resignadamente, o síndico da Venerável Ordem Terceira, Alfredo Carvalho, lembrando com saudade o distante dia 19 de outubro de 1926, quando Tancredo ingressou na Ordem, aos 16 anos, e ganhou com isso o direito de ser enterrado ali, onde descansam todos os mortos da grande família Neves.

As 11 horas entra, de olhos úmidos, o irmão mais velho de Tancredo, Octávio Neves, seguido por outros membros da família. As autoridades começam então a entrar na Igreja de São Francisco: o caixão com o corpo já chegou à praça e os irmãos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis descem para buscá-lo. O povo se agita, e muitas pessoas gritam: "Queremos ver Tancredo. Queremos ver Tancredo".

A segurança é rigorosa, mas muitos se comprimem, tentando romper o isolamento. A tragédia do dia anterior ainda está presente na memória de todos e, por um microfone, o padre Antônio Lopes passa um "recado" de dona Risoleta, que já está dentro da igreja: "Dona Risoleta pediu-me para avisá-los de que o dr. Tancredo não será enterrado enquanto houver um só sanjoanense que queira vê-lo e prestar-lhe uma homenagem, pela última vez, em seu caixão". Palmas e vivas. No meio do povo uma faixa se agita: "Dona Risoleta, nossa eterna primeira-dama e mãe da Nova República".

O coronel Tamoio, da Brigada 31 de março e chefe do Estado-Maior da 4ª Região Militar, chama o padre Antônio Lopes e lhe pede que repita pelo microfone a mensagem de dona Risoleta: "E disso que estamos precisando — diz o coronel —, de alguém que fale e cante com o povo, e explique como vai ser".

A multidão se acalma e começa então a formar a longa fila para o último adeus. Dentro da igreja, diante do altar, todos podiam ver apenas um corpo pequeno e frágil depositado ali, com suas sete feridas escondidas pelas roupas, uma faixa verde-amarela sobre o peito, o vidro e a madeira.

E então Jorge de Almeida Neves, seu irmão, lembra: "Nós, os Neves,

sempre tivemos horror de médicos". Como na segunda noite de velório, no Salão Nobre do Palácio do Planalto, Jorge repetia: "O País está plantado, quem plantou foi meu irmão. Agora é colher. Os homens e as idéias estão aí".

A última vez em que Jorge Neves falou com o irmão foi quando ele "tirou o retrato" (a famosa fotografia ao lado dos médicos e de dona Risoleta, no Hospital de Base). "Vou sair disso" — disse então Tancredo. E Jorge ficou feliz. "Mas já no outro dia ele era transportado de maca, sangrando, para São Paulo. Quase morri do coração. Pensei que estava doido. Pensei que não tinha visto o que tinha visto no dia anterior."

Dona Risoleta deixa sua cadeira no altar e vai descansar numa salineta ao lado da sacristia, enquanto, misturadas com o povo, algumas autoridades retardatárias também vão levar ao presidente morto sua derradeira homenagem.

Fora da igreja, debaixo do Sol, um velho irmão da Ordem Terceira, ainda envergando o seu hábito, mostra um missal e repete para um jornalista as últimas palavras públicas de Tancredo Neves. O que ele disse, rezando, na Catedral Dom Bosco, em Brasília, naquele terrível 14 de março.

"Senhor, Pai de Misericórdia, dá-me tua sabedoria e não me excluas do número de teus filhos. Pois sou Teu servo, filho da Tua serva, homem frágil, de vida efêmera. Escolheste-me como rei do Teu povo, como juiz de Teus filhos e Tuas filhas. Contigo está a sabedoria que conhece Tuas obras, e que estava presente quando fazias o mundo, ela sabe o que é agradável a Teus olhos e o que é conforme os Teus mandamentos. Dos céus sagrados, envia-a, manda-a de Teu trono, para que me assista nos trabalhos, e ensinando-me o que Te agrada. E ela, que tudo sabe e compreende, prudentemente me guiará em minhas ações e me protegerá com a sua glória. Minhas obras serão, assim, bem acolhidas, julgarei o Teu povo com justiça, serei digno do trono de meu Pai."

"Por algum motivo que só Deus conhece — comenta o irmão — o Senhor não atendeu aos apelos de nosso irmão Tancredo. Pois são assim, inescrutáveis, os designios do Senhor."

L.F.E.